

Beauvoir e Sartre: a questão da influência (1981)¹

Beauvoir and Sartre: The Question of Influence (1981)

Margaret A. Simons*
Tradução de Paulo Sartori²

RESUMO

O texto trata da questão relativa à mútua influência entre Simone de Beauvoir e Jean-Paul Sartre. Procura evidenciar, em particular, a importância dos escritos de Beauvoir para o desenvolvimento de certos aspectos da filosofia de Sartre, principalmente os concernentes ao individualismo e o contexto sócio-histórico, o problema do Outro e as limitações da liberdade. Procedendo a uma análise cronológica das obras de ambos, o artigo mostra como o desenvolvimento da posição de Sartre foi devido, em grande parte, à perspectiva filosófica própria de Beauvoir; e salienta como o entendimento da obra de Sartre se torna inadequado quando se ignora a considerável influência que sobre ela exerceu Beauvoir.

PALAVRAS-CHAVE: Beauvoir; Sartre; influência mútua; originalidade; perspectivas.

ABSTRACT

The text addresses the question of the mutual influence Simone de Beauvoir and Jean-Paul Sartre had on each other's works. It seeks to evidence, in particular, the importance of Beauvoir's work to Sartre's philosophical development of certain aspects, mainly concerning his individualism and the social-historical context, the problem of the Other and the limitations on freedom. In a chronological analysis of their work, the article shows how the development of Sartre's position was due, in large part, to Beauvoir's own

¹ Este texto foi gentilmente cedido pela autora Margaret A. Simons, para tradução e publicação na revista *Sapere Aude* da PUC Minas. O texto foi originalmente escrito em inglês sob o título, *Beauvoir and Sartre: The Question of Influence* (1981).

*Margaret A. Simons é Professora de Filosofia da Southern Illinois University, Edwardsville, USA. Ela foi editora e fundadora da Revista *Hypatia* e tem devotado sua carreira aos estudos dos trabalhos de Simone de Beauvoir, traduzindo para o inglês e publicando seus textos em edições tais como *Feminist Interpretations of Simone de Beauvoir* (Pennsylvania University Press, 1995), *Beauvoir and the Second Sex: Feminism, Race and the Origins of Existentialism* (Rowman and Littlefield Pub. Inc., 2001), *The Philosophy of Simone de Beauvoir* (Indiana University Press, 2006).

² Paulo Sartori é graduado em Filosofia pela PUC MINAS e desenvolveu trabalho como bolsista de pesquisa do programa FIP/PUCMINAS, de 2010 a 2012, acerca do pensamento de Simone de Beauvoir, orientado pela Professora Magda Guadalupe dos Santos (PUC Minas), a qual é também revisora do presente artigo.

philosophical perspective; and how the understanding of his work becomes inadequate when ignoring the considerable influence she had on him.

KEYWORDS: Beauvoir; Sartre; mutual influence; originality; perspectives.

1. Introdução

A questão da influência que Simone de Beauvoir e Jean-Paul Sartre exerceram nas obras um do outro durante os cinquenta anos de seu relacionamento raramente foi posta de modo rigoroso. A maioria dos autores, ao analisar a obra de Sartre, contentou-se em mencionar Beauvoir apenas como informação biográfica sobre a vida de Sartre, assumindo, frequentemente por causa de uma tendência sexista, que a questão da influência estava resolvida, pois se considerava que a obra de Beauvoir foi escrita numa perspectiva inteiramente sartreana, ainda que as diferenças entre ambos ponham em questão essa crença. Ocasionalmente se ouvem professores de filosofia queixarem-se, a propósito de *Por Uma Moral da Ambiguidade* (1947), que o texto não é consistente com a filosofia de Sartre. Irritados por essa evidência de diferença filosófica, acusam Beauvoir de desviar-se da perspectiva de *O Ser e o Nada* (1943), como se sua autonomia filosófica fosse um equívoco. E as filósofas feministas que consideram *O Segundo Sexo* (1949) uma mera aplicação da perspectiva de Sartre são do mesmo modo lembradas das diferenças filosóficas entre Beauvoir e Sartre quando suas análises se confrontam com o sexismo e as limitações do entendimento de Sartre acerca da situação das mulheres, óbvios em *O Ser e o Nada* e em outros de seus escritos. O fato de que as obras de Beauvoir tenham sido frequentemente traduzidas em inglês de um modo que mostra pouca preocupação com a precisão ou a consistência na apresentação de suas ideias pode ter contribuído para que ela não fosse levada a sério como filósofa. Um de seus ensaios mais importantes, *O Segundo Sexo*, tem sido recortado radicalmente, sem indicações das supressões no texto, perturbando ainda mais a coerência de suas ideias.

Quando um estudo mais profundo das efetivas diferenças de perspectiva que se observam em Beauvoir e Sartre é empreendido, logo fica claro que a visão simplista que

reduz a obra e a orientação filosófica de uma à do outro é inadequada para uma compreensão plena. E tal visão, ignorando a influência considerável de Beauvoir em Sartre, é inadequada para a compreensão também da obra deste. A questão influência mútua ao longo de um relacionamento intensamente intelectual e pessoal, talvez único na tradição filosófica – e que está longe de ser resolvido –, deve ser tratada rigorosamente.

Mas esse empreendimento não está livre de dificuldades, das quais a mais séria diz respeito à postura de Beauvoir em relação ao seu próprio trabalho e ao de Sartre. Em seus textos autobiográficos, ela escreve que, no início do relacionamento dos dois, desempenhava um papel subordinado. Ele se contentava em usar Beauvoir como caixa de ressonância de suas próprias ideias e ela se contentava em responder às teorias daquele. Mas seu papel crítico não a desafiou no sentido de definir sua própria perspectiva filosófica. Ela manteve uma abordagem negativa, em vez de proceder a uma articulação positiva de sua própria perspectiva teórica. Escrevendo sobre seus primeiros anos de pós-graduada, Beauvoir comenta que sentiu, como a maior parte das mulheres de sua geração, que lhe faltava o requisito da audácia para pôr o mundo em questão, como demanda a filosofia (BEAUVOIR 1960, p. 228-229 e 246). Mesmo nos anos subsequentes à Segunda Guerra Mundial, quando seu posicionamento como escritora havia amadurecido, por vezes ela ainda se sentia envergonhada, tomada por excessiva modéstia, quando solicitada a publicar algum artigo explicando sua posição filosófica pessoal. Foi durante esse mesmo período que ela se viu reproduzindo, mesmo que sem grande convicção, a ideia de Sartre sobre a liberdade em “situação”, por ainda se sentir incapaz de definir claramente sua própria posição (BEAUVOIR, 1960, p. 448). Essa postura levanta um problema para qualquer comentador dos trabalhos de Beauvoir e Sartre interessado em discernir com clareza suas perspectivas sobre vários assuntos. Ademais, Beauvoir escreveu relativamente poucos ensaios filosóficos, ocasionalmente defendendo, em nome dele, a posição de Sartre. O comentador deve ser cuidadoso para não presumir que Beauvoir sempre faz isso, a fim de não deixar escapar a originalidade que há em suas autobiografias e obras literárias, bem como os indicativos de desenvolvimento de sua própria perspectiva filosófica.

Talvez o que mais prende o comentador seja a alegação de Beauvoir de que, enquanto suas obras literárias foram criadas a partir de sua própria experiência de vida e estão, portanto, inteiramente livres da influência de Sartre, sua perspectiva filosófica foi de

todo influenciada por ele, sobre cuja filosofia não exerceu ela nenhuma influência, já que não era ela mesma filósofa. Ambos os elementos dessa alegação são suspeitos. Muitos de seus trabalhos, assim como os dele, são literários tanto quanto filosóficos. Tampouco é preciso ser filósofo para influenciar um filósofo. Mas como Beauvoir admitiu que pode ter influenciado Sartre chamando sua atenção para certas ideias importantes ou mudando de alguma maneira a perspectiva que ele tinha da realidade, nosso desacordo sobre se isso constitui uma influência filosófica pode ser meramente terminológico. De fato, os próprios relatos de Beauvoir sobre suas discussões acaloradas com Sartre (registradas em suas autobiografias) proveem o comentador com algumas das melhores indicações no sentido da mútua influência filosófica. Deve ser notado que o próprio Sartre pouco ajuda nesse quesito, por raramente ter reconhecido ou discutido a influência de Beauvoir em sua obra ou no desenvolvimento de suas ideias ao longo dos anos.

Mas, apesar das dificuldades inerentes ao estudo desses escritores e de sua mútua influência, a abordagem a ser feita do problema parece óbvia. Deve-se iniciar com uma discussão dos escritos mais antigos dos dois e seguir em frente, traçando o desenvolvimento de suas perspectivas, determinando suas diferenças em assuntos significativos e buscando evidências de que a perspectiva de um pode ter sido tomada, mesmo que só em parte, pelo outro. Meu estudo começa justamente dessa forma, referindo-se extensamente às autobiografias de Beauvoir (que forneceram no passado informações tão importantes aos estudiosos da obra de Sartre), para colher informações sobre suas diferenças de perspectiva mais antigas e prosseguir pelos anos da Guerra, quando ambos se esforçaram para lidar com a realidade social e política em seus escritos. Minha discussão deixa-os no início dos anos 1950, fazendo apenas breves sugestões sobre o direcionamento posterior de seus trabalhos. Meu foco fica mais centrado nos escritos de Beauvoir e na questão de sua influência na obra de Sartre, posto que suponho que a maioria das obras deste são mais familiares e requerem menos exposição – e que a influência de Sartre sobre Beauvoir é talvez mais óbvia do que a influência que se estendeu dela a ele. Minha intenção, portanto, é corrigir a ideia que prevaleceu no passado: a de que a influência foi unilateral.

Este estudo confirmou minha impressão inicial de que os escritos de Beauvoir expressaram preocupações e perspectivas diferentes das de Sartre, contudo adotadas por

ele, ao menos em parte, em seus últimos trabalhos. Em sentido amplo, um aspecto importante da originalidade de Beauvoir e de sua influência sobre Sartre diz respeito à relação do indivíduo com o contexto social e histórico de sua ação. Beauvoir, por exemplo, foi a primeira a voltar-se para o problema da relação com o Outro, ao qual Sartre se dirigiu mais tarde, assumindo ocasionalmente uma perspectiva bastante beauvoiriana.

Beauvoir também reconheceu, antes de Sartre, os efeitos limitadores do contexto sócio-histórico, inclusive os procedentes da história pessoal e da infância, nas escolhas de um indivíduo; conseqüentemente, ela considerou exagerado o voluntarismo primário de Sartre. Talvez mais com relação ao primeiro exemplo, a perspectiva de Sartre mudou ao longo dos anos, ao que parece como resposta à obra de Beauvoir, aproximando-o de sua posição. Os dois exemplos, como veremos, sugerem como explanação óbvia que a perspectiva de Sartre era influenciada, de fato e de modo significativo, pela de Beauvoir.

2. O PROBLEMA DO OUTRO

Sartre é muito conhecido por seu estudo da relação com o Outro em *O Ser e o Nada* e em obras literárias como *Entre quatro paredes* (1945). Mas raramente se reconhece que Beauvoir, em seus primeiros trabalhos, tem como foco a relação com o Outro, escrevendo sobre esse tema antes de Sartre e definindo sua descrição das estruturas próprias dessa relação com base em sua própria experiência. Para Beauvoir, o problema do Outro é multifacetado. Um aspecto importante é a dificuldade em manter o sentido de autonomia individual quando se experimenta o desejo, um anseio de união completa com o Outro. Esse problema, que Beauvoir experimentou primeiro na forte amizade com sua amiga de infância, Zazá, tomou dimensões dramáticas nos primeiros anos de seu relacionamento com Sartre. Foi um período no qual seu próprio senso de direção ficou confundido, uma vez que iniciou ela sua vida adulta definitivamente livre dos limites impostos por sua família e escola, fora dos papéis sociais estabelecidos para uma mulher. Ela experimentou uma crise moral profunda na qual sentiu a perda do senso de si em seu amor pelo Outro. Mas, juntamente com a busca de união com o Outro, também sentiu a profunda necessidade moral de assumir a responsabilidade por sua própria vida, estabelecendo firmemente seu

senso de autonomia individual. Foi na tensão entre essas duas demandas conflituosas que Beauvoir concebeu a possibilidade e o desafio de uma relação autêntica. Esse é um delicado número de equilíbrio que poucas das mulheres em seus escritos – de *A Convidada* (1943) até *O Segundo Sexo* (1949), *Os Mandarins* (1954) e *A Mulher Desiludida* (1968) – são capazes de realizar com sucesso. Por seu caráter elusivo, essa relação autêntica se mantém como um valor central na filosofia social de Beauvoir, oferecendo ao indivíduo a oportunidade para uma justificação autêntica, impossível de ser atingida em solidão.

Esse dado da perspectiva de Beauvoir difere decisivamente do individualismo que ela de início partilhava com Sartre. Sua divergência nesse ponto é parcialmente responsável pela tensão que caracteriza a perspectiva de *Por Uma Moral da Ambiguidade*. Essa tensão, resultante do esforço de se deslocar do individualismo para uma percepção social da realidade humana, torna-se compreensível apenas quando tanto sua hesitação em definir sua própria perspectiva filosófica, quanto sua crença profunda na liberdade individual e as limitações elementares do individualismo solitário são entendidas.

Outro aspecto do problema do Outro tratado por Beauvoir em seus primeiros escritos e que também se encontra nos escritos de Sartre é a ameaça posta pela imagem de si nos olhos do Outro. Beauvoir explica a gênese de sua perspectiva sobre esse problema mais uma vez em termos de sua própria experiência de vida. Num período de grande incerteza, quando começou a viver independentemente de sua família, ela se sentiu ameaçada pela presença de outras pessoas cujos valores diferiam radicalmente dos seus, mas lhe eram impostos. Aos olhos dessas outras pessoas ela sentiu seus próprios valores negados. A *Convidada*, o romance no qual Beauvoir tratou pela primeira vez dessa questão, termina com a aniquilação da pessoa ameaçadora, a superação radical dessa negação de si. A epígrafe hegeliana – “cada consciência busca a morte da outra” –, frequentemente apontada como evidência da influência hegeliana no romance, chamou a atenção de Beauvoir somente em 1940, depois que o livro já estava escrito (BEAUVOIR, 1960, p. 324).

O romance de Beauvoir, escrito de 1937 a 1941, antecipa os trabalhos de Sartre sobre as confrontações com o Outro, inclusive a seção sobre o “Olhar” em *O Ser e o Nada*. A seção inteira sobre a existência dos outros tem uma aparência estranha, como se fosse um

anexo a *O Ser e o Nada*, e um status ontologicamente secundário, derivativo, que pode ser compreendido caso seja vista como um problema assumido por Sartre apenas como uma adição tardia à sua teoria. Certos críticos da obra de Beauvoir, pensando na famosa frase de Entre quatro paredes, "o inferno são os outros", concluíram que as obras de Beauvoir – como *A Convidada* – nas quais o problema do Outro desempenha um papel fundamental revelam a influência de Sartre. Porém, como vimos, o oposto seria uma interpretação mais plausível.

A aplicação mais célebre do conceito do Outro por Beauvoir está, é claro, em *O Segundo Sexo*, escrito em 1948–49. Como Sartre havia escrito *Anti-Semita e Judeu* (1946) pouco tempo antes, em 1944, no qual um fenômeno muito similar ao sexismo e à opressão das mulheres é estudado, pode-se supor que a perspectiva de Beauvoir foi profundamente influenciada por ele. De fato, suas perspectivas compartilham certos elementos em comum, especialmente a análise das dinâmicas psicológicas da autojustificação e a busca tanto sexista como racista pela garantia de superioridade. Mas uma coisa que as duas obras não têm em comum é o uso do conceito de Outro.

Sartre nunca escreve que o anti-semita vê o judeu como Outro, embora certamente o anti-semita deva fazê-lo. É somente num livro posterior à publicação de *O Segundo Sexo*, *Saint Genet* (1952), uma obra fundamental escrita de 1950 a 1952, mas ignorada com muita frequência, que Sartre utiliza o conceito do Outro na análise da opressão social, neste caso a rotulação do garoto Genet como um ladrão, promovida pela sociedade. Sartre descreve o processo pelo qual Genet passa a se ver [como o Outro], que é o efeito que Beauvoir havia notado como resultante de uma socialização sexista de uma jovem garota. Aqui se vê um exemplo ainda mais marcante da introdução de um conceito primeiramente encontrado numa obra de Beauvoir na perspectiva de Sartre.

Em *Saint Genet*, Sartre usa pela primeira vez o conceito de fraternidade e liga liberdade a reciprocidade, como Beauvoir havia feito anteriormente em *Por Uma Moral da Ambiguidade* e em *O Segundo Sexo*. A complexa controvérsia sobre se a perspectiva filosófica de Sartre alguma vez abarcou um conceito adequado de fraternidade, de identidade social, uma controvérsia muito pouco facilitada pela publicação das últimas entrevistas com Benny Lévy, não pode ser resolvida aqui. Mas deve ficar claro que qualquer discussão desse tipo não pode ignorar nem a importância de *Saint Genet* ou a

influência de *O Segundo Sexo* no desenvolvimento da perspectiva de Sartre (ver EDWARDS, 1980).

3. LIMITAÇÕES DA LIBERDADE

O problema do Outro não é o único domínio em que as ideias de Beauvoir sobre a relação do indivíduo com a sociedade diferem das de Sartre e, ao menos em parte, o influenciaram. Uma segunda área significativa é constituída pelo efeito do contexto sócio-histórico na liberdade de um indivíduo, incluindo a história pessoal de sua infância. Em seu texto autobiográfico de 1960, *A Força da Idade*, Beauvoir relata que, nos primeiros anos de seu relacionamento com Sartre, ambos sustentavam uma postura “racionalista-voluntarista” em relação à realidade e uma crença radical na liberdade. Como jovens professores, Beauvoir comenta, “as circunstâncias nos permitiram certa medida de desapego, tempo livre e falta de preocupação”. “Foi nosso condicionamento como jovens intelectuais pequenos burgueses que nos levou a nos assumir livres de condicionamento” (BEAUVOIR, 1960, p. 19, 24, 25, 26).

Mas, enquanto a profissão de ambos como professores lhes dava uma perspectiva compartilhada, a infância fornecera a cada um experiências profundamente diferentes, com as quais começaram eles a vida adulta. No princípio de sua carreira no magistério, Sartre sentiu sua liberdade ameaçada pelo fim dos anos de irresponsabilidade da infância, pela aproximação do serviço militar e pelo início da carreira como professor, um funcionário público e membro do temido sistema. Enquanto ele e seus amigos mais próximos esboçavam as obras que escreveriam, desafiando e solapando o *status quo*, Beauvoir estava à deriva, sem um senso claro de direção, vivendo fora do confinamento dos papéis sociais e das expectativas. Ela celebrou sua primeira designação como professora como a realização de seus sonhos de independência, sua vitória contra as ameaças a sua sobrevivência individual que haviam sido postas por sua família e seus professores. Ela havia experimentado a adolescência como uma luta para libertar-se do futuro de dependência ao qual estava destinada como uma jovem mulher burguesa. Quando sua melhor amiga Zazá morreu em meio a um conflito com sua mãe, para escapar de um casamento arranjado, Beauvoir sentiu como se sua própria liberdade tivesse sido conquistada a custo da vida da

amiga. Logo, enquanto tinha ela uma profunda crença em sua própria liberdade individual, em sua própria capacidade de determinar e desejar seu próprio destino, tinha também a consciência imediata do poder da opressão social que as experiências da infância não tinham dado a Sartre.

O passado diferente dos dois levava a posturas diferentes em relação a seus trabalhos, as quais se estendiam a questões epistemológicas. Beauvoir admirava a dedicação de Sartre à literatura, que excedia em muito o seu próprio comprometimento como escritora, uma profissão que ela, como ele, havia escolhido ainda jovem. Mas ela achava sua liberdade recém-conquistada tão divertida que seu primeiro compromisso era experimentar a vida em toda sua riqueza. Esse compromisso a pôs em desacordo com Sartre, que presumia que o que ela sentia era uma posição subjetivista exagerada. Ela insistia que a ambiguidade fundamental da realidade impedia que tal compromisso fosse alguma vez capturado totalmente em uma sentença ou num ensaio; Sartre argumentava que a realidade coincidia exatamente com o conhecimento do homem a seu respeito (BEAUVOIR, 1960, p. 46, 151). Mais tarde no relacionamento dos dois, as paixões de Beauvoir, que a maravilhavam com sua intensidade, forçaram-na a modificar seu voluntarismo psicológico, uma posição, contudo, que Sartre continuou a sustentar. Ele argumentava que ela havia escolhido ceder às suas emoções, às exigências do corpo, e que o desejo sempre conserva seu domínio. Logo, embora tanto uma como o outro tivessem muitas posições em comum nos primeiros anos de seu relacionamento, as experiências de Beauvoir lhe deram uma perspectiva diferente e a levaram eventualmente a modificar sua posição de forma a distanciá-la ainda mais da perspectiva de Sartre.

Um problema crítico para o comentador, nessa conjuntura, é que Beauvoir começou sua carreira de escritora depois de Sartre e escreveu, em princípio, só obras ficcionais, contos e romances, tornando difícil a tarefa de comparar sua perspectiva filosófica inicial. Mas a diferença de perspectiva da parte de Beauvoir emerge da consideração de seus primeiros trabalhos, notadamente de suas referências à infância e às histórias de suas personagens, e de seu esforço para lidar com a experiência da morte de Zazá. Beauvoir explorou a infância de suas personagens em quase todos os seus primeiros escritos, os quais tinham como foco o problema da relação com o Outro. Seu segundo romance, que não possui título e é ainda inédito, conta a estória do aprendizado de uma jovem mulher ao

longo da vida, durante a qual ela aprende a aceitar outra pessoa sem a idolatrar e comprometer sua própria liberdade, sem esperar que a outra pessoa apoie sua existência (Beauvoir 1960, 108). Beauvoir escreve que ela também tentou contar a estória da morte de Zazá nesse romance, no qual uma personagem morre na luta para escapar dos laços da sociedade burguesa. O terceiro romance de Beauvoir, não publicado, escrito em 1933-35, enfoca uma experiência opressiva da infância, os esforços de uma jovem para evitar um casamento arranjado e suas dificuldades subsequentes num relacionamento no qual sua independência e autoconfiança são ameaçadas por sentimentos que a levam impetuosamente em direção a outra pessoa.

Quando o Espiritual Domina (1935-37), uma coleção de histórias de Beauvoir inéditas até 1979, descreve os efeitos sufocantes de nossa sociedade burguesa no desenvolvimento das crianças. No manuscrito de seu romance seguinte, *A Convidada* (1943), Beauvoir fez um longo relato da infância da personagem principal, o qual mais tarde apagou da versão publicada. Ela também esboçou pesadamente um relato da infância da personagem principal em *O Sangue dos Outros* (1945), que novamente tem como foco o problema do Outro e a relação de uma liberdade com outra liberdade. Embora Beauvoir sentisse a necessidade de descrever a infância de outra personagem central do livro, decidiu apenas indicá-la através de breves alusões (BEAUVOIR, 1960, p. 325, 556). O comprometimento de Beauvoir em perceber o indivíduo no contexto das experiências da infância é evidente em todos os romances e contos de 1931 até 1945.

Essa preocupação, todavia, está em nítido contraste com a postura de Sartre, naquele tempo, em relação à infância e ao passado em geral. O para-si surge amadurecido em *O Ser e o Nada*, sendo ignorados o nascimento e o desenvolvimento, além de possíveis obstáculos a este último. Tampouco a infância das personagens de seus romances é com frequência considerada significativa. Em uma entrevista de 1945, com Dominique Aury, na qual Sartre discute o Existencialismo e o problema da liberdade num romance, contrasta ele sua abordagem à de Zola, dizendo:

Para Zola, tudo obedece ao determinismo mais estreito. Os romances de Zola são escritos no passado, enquanto minhas personagens têm um futuro. [...] A infância de Mathieu não tem importância alguma. (AURY 1945; citado em CONTAT e RYBALKA, 1970, p. 128)

Considere-se o ensaio de Sartre intitulado *Baudelaire* (1946), em que seu interesse está tanto na vida de Baudelaire quanto em seus escritos. Mesmo assim, o tratamento que ele dá à infância do poeta é superficial. Suas descrições parecem menos interessadas nas experiências que em prover uma ocasião para uma “escolha original”, que seria então o ponto de partida teórico para o estudo do adulto e de seus escritos.

Efetivamente, Sartre não escreveu sobre a infância até depois de Beauvoir completar seu estudo monumental sobre a opressão das mulheres, *O Segundo Sexo*, que traça os efeitos inibidores da socialização infantil no desenvolvimento do senso de autonomia pessoal e auto-afirmação das jovens garotas. Foi somente em 1950 que ele iniciou seu ensaio sobre Jean Genet, quando confrontou pela primeira vez a realidade das experiências da infância. Embora sua abordagem, com ênfase na escolha que dá importância à infância no caso de Genet, seja certamente diversa da de Beauvoir, Sartre definitivamente tomou consciência do significado das experiências concretas do passado de um indivíduo, da história pessoal constituída pela infância de alguém. Em uma entrevista que me foi concedida em 1979, Beauvoir concordou com minha sugestão de que a apreciação da experiência de infância poderia representar um aspecto em que a sua influência na obra de Sartre fica evidente.

Tanto Sartre quanto Beauvoir tiveram suas perspectivas fundamentalmente alteradas pela Segunda Guerra Mundial, pela derrota e ocupação, bem como pela prisão de Sartre. Ambos esforçaram-se para lidar com a dimensão social, política e histórica da realidade que haviam antes mantido à distância. Mas seus pontos de vista, embora tenham permanecido unidos em muitos aspectos, diferenciaram-se significativamente mais uma vez. E essa diferença centrou-se na questão discutida há pouco em relação à análise da infância – o problema da escolha.

Em *A Força da Idade* Beauvoir descreve como sua perspectiva e a de Sartre mudaram durante os anos da guerra. Em 1940, escreve Beauvoir, Sartre voltou em férias militares para apresentá-la à

sua nova ética baseada na noção de autenticidade – que todos devem “assumir” sua “situação”; tudo mais é um voo, uma pretensão vazia, uma máscara fundada na má fé. [...] Assumir sua situação significava transcendê-la e se engajar em uma ação. [...] Podia-se perceber que ele havia sofrido uma séria mudança assim como eu, que me juntei imediatamente à sua ideia, porque anteriormente nossa primeira

preocupação tinha sido a de manter nossa situação à distância através de jogos, ilusões e mentiras. (BEAUVOIR, 1960, p. 442)

Mais tarde, contudo, depois do retorno de Sartre de um campo de prisioneiros de guerra, eles discutiram a questão da relação entre situação e liberdade. Beauvoir defendeu

que, do ponto de vista da liberdade, como Sartre a definiu – não uma resignação estoica, mas transcendência ativa do que é dado –, situações não são equivalentes; que transcendência é possível para uma mulher encerrada num harém? Porém, existem diferentes maneiras de se viver confinado, disse-me Sartre. Eu mantive minha posição por muito tempo, e apenas professava a de Sartre. Basicamente, eu estava certa. Mas para defender minha posição teria sido necessário que eu abandonasse o terreno da ética individualista, portanto idealista, no qual estávamos. (BEAUVOIR, 1960, p. 448)

A relutância de Beauvoir em aceitar essa teoria da equivalência das situações fica evidente em *Por uma Moral da Ambiguidade*, escrito em 1946–47, um ensaio que descrevi anteriormente como marcado por uma tensão intensa. A tensão evidente nesse estudo provocativo origina-se das tentativas de Beauvoir em conciliar não somente seu individualismo com seu ideal social, mas também sua crença na liberdade humana com a realidade da opressão humana. Relutante em simplesmente consigná-las a esferas da existência mutuamente excludentes, como por exemplo, o ontológico e o concreto, Beauvoir buscou descrever a liberdade humana tanto como um traço definidor da realidade humana quanto como uma experiência concreta de transcendência dos dados da realidade, uma experiência que, assim, pode ser negada sob opressão. O ensaio de Sartre sobre Baudelaire e sua célebre palestra “O Existencialismo é um Humanismo”, que é seguramente muito superficial para dar alguma indicação sobre essa teoria ética, são de muitos modos similares a *Por uma Moral da Ambiguidade*. Mas lhes falta essa tensão, os sinais do esforço evidente despendido por Beauvoir na tentativa de ir além do que ela percebeu como as limitações da noção de liberdade que compartilhava com Sartre.

A percepção que tinha Beauvoir da força do condicionamento social e das limitações da liberdade humana sugeridas em *Por uma Moral da Ambiguidade* adquirem profundidade e consistência em *O Segundo Sexo*, em que ela descreve o desenvolvimento histórico da opressão das mulheres como algo radicado na realidade biológica da função reprodutiva da mulher, em sua fraqueza física e na realidade ontológica do anseio do homem em escapar da liberdade em favor da garantia de uma dada superioridade,

formalizada nas instituições econômicas e políticas impostas através de técnicas opressivas de socialização dos papéis do sexo e historicamente justificada numa ideologia sexista que permeia cada aspecto da cultura. Beauvoir questiona se seria possível dizer que alguma vez foi dada a uma garota criada numa sociedade sexista a possibilidade de escolha da liberdade (BEAUVOIR, 1949, p. 566).

Ironicamente, *O Segundo Sexo* é frequentemente reduzido pelos críticos (e pela própria Beauvoir, ocasionalmente) a uma mera aplicação da perspectiva de Sartre a um problema social. As limitações dessa análise são evidentes quando a perspectiva desse livro é contrastada com a de *Anti-Semita e Judeu* e do ensaio de Sartre de 1946 sobre a opressão de classes e as limitações do materialismo, “Materialismo e Revolução”. Esses ensaios revelam a falta de habilidade de Sartre para compreender a complexa dimensão histórica e cultural da opressão e sua experiência concreta para a pessoa oprimida, o que Beauvoir descreve com tanta eficácia em *O Segundo Sexo*. Na verdade, Sartre começou a lidar mais adequadamente com essa dimensão da existência apenas após o trabalho de Beauvoir em *O Segundo Sexo* se completar. Logo depois, em 1950, ele começou a perceber, talvez pelo reconhecimento dos avanços teóricos representados pelo livro de Beauvoir, a necessidade de desenvolver seu entendimento acerca do materialismo histórico. Ocupou-se então com um estudo sobre Marx e iniciou sua obra sobre Jean Genet, usando uma estrutura teórica impressionantemente similar à desenvolvida em *O Segundo Sexo*.

Os aspectos de *Anti-Semita e Judeu* que mais antecipam *O Segundo Sexo* são as descrições da psicologia do anti-semita e sua busca pela segurança de sua identidade numa superioridade racial estática. Uma frase – “se o judeu não existisse, o anti-semita o teria inventado” (SARTRE, 1946, p. 15) – é apropriada de modo quase idêntico em *O Segundo Sexo* para descrever a satisfação que um homem pode sentir em uma sociedade sexista. É a descrição da experiência do judeu que é problemática no ensaio de Sartre e está em nítido contraste com a descrição de Beauvoir das experiências das mulheres sob o sexismo. Falta a ele uma estrutura para reconhecer a identidade histórica e cultural judaica (assim como ele se recusa a considerar qualquer dimensão histórica na prática do anti-semitismo, considerando-o em cada instância como uma escolha incondicionada de um indivíduo livre). A única identidade que ele consegue reconhecer como compartilhada pelos judeus é a identidade como vítimas, que lhes é concedida pelos anti-semitas. Ele ignora, por

exemplo, a herança cultural representada pela manutenção do uso do hebraico. Ele desdenhosamente descarta a declaração de um observador americano de que os judeus na América³ não parecem desejar fundamentalmente a assimilação e a perda de sua identidade cultural. Sartre qualifica, ainda, como inautênticos aqueles judeus que assumem uma instância tradicional liberal e demandam seus direitos humanos universais. Sartre aplica uma análise análoga à de Marx, a de que os judeus, como membros da classe operária inseridos no capitalismo, que lutam por direitos como trabalhadores, devem exigir direitos como judeus. Mas a falta de qualquer perspectiva histórica e a rejeição de qualquer sentimento judaico de identidade cultural resultam em uma condenação ética do comportamento de indivíduos judeus. Ironicamente, Sartre os critica por não agirem como judeus, enquanto nega que uma identidade como judeu seja possível fora do papel de vítima, de uma identidade estereotipada sob opressão.

O individualismo, a insensibilidade e a ingenuidade política da perspectiva de Sartre, que ignora as limitações práticas numa situação política que pode exigir uma abordagem liberal, distinguem dramaticamente seu texto de *O Segundo Sexo*. Beauvoir, como Sartre, está a par do perigo representado pela perspectiva liberal de tentar conquistar liberdade pela conformidade com uma noção burguesa supostamente universal e abstrata. Mas, diferentemente de Sartre, em *O Segundo Sexo* ela define realidades concretas e situações compartilhadas da experiência das mulheres nas quais a libertação como mulheres, não como vítimas, pode ser baseada (embora sua análise não esteja isenta dos problemas de uma definição machista de realidade humana). Beauvoir está ciente dos perigos de se fazer concessões ao opressor dizendo às oprimidas que elas são inautênticas quando negam sua qualidade de mulher e sua feminilidade se tentam ser homens, quando os homens excluíram as mulheres do acesso à atividade transcendente, humana. Os *insights* de Sartre em *Anti-Semita e Judeu* se mantêm centrados em seu entendimento da fuga da liberdade inerente às atitudes do anti-semita, embora sua descrição também nisso seja enfraquecida pela falta de perspectiva histórica. Em “Materialismo e Revolução”, a força de Sartre está em seu reconhecimento de que a liberdade está implicada na revolta dos oprimidos e na sua tomada de consciência sobre sua opressão, uma experiência presumida

³ Optou-se pela tradução literal dos termos “american” e “America”, não utilizados em língua pátria, que, todavia, querem designar “norte-americanos” e “Estados Unidos”, respectivamente.

na ação dos organizadores de partidos. Porém, novamente Sartre malogra em lidar com a outra experiência, a experiência da opressão, que é o pano de fundo da luta pela libertação.

Os *insights* fundamentais sobre a experiência histórica de opressão não são encontrados em nenhum dos escritos mais antigos de Sartre, e sua obra certamente não provê um fundamento para o entendimento da opressão da mulher e sua luta por libertação. Mas *Saint Genet*, iniciado depois que *O Segundo Sexo* estava pronto, representa um avanço capital na perspectiva de Sartre. Embora ele enfatize que foi a escolha de Genet de fazer uso da experiência de sua infância que atribuiu significado a essa experiência, existe uma riqueza de detalhes concretos que dá ao estudo da vida e obra de Genet uma realidade ausente no trabalho anterior sobre Baudelaire. De modo notável, Sartre utiliza algumas das estruturas centrais de *O Segundo Sexo* em sua descrição da experiência de Genet, por exemplo, a identidade do Ladrão como um Outro que se torna absoluto. Ambas as estruturas são usadas por Sartre de um modo diferente do adotado por Beauvoir, assim como ela havia utilizado de maneira nova as estruturas teóricas de *Anti-Semita e Judeu*.

O propósito manifesto de Sartre em *Saint Genet* é quase idêntico ao de Beauvoir em *O Segundo Sexo*. De fato, pode-se ler sua declaração de intenção como um esboço de *O Segundo Sexo*: ele irá “mostrar os limites da interpretação psicanalítica e da explicação marxista e [...] mostrar que apenas a liberdade pode responder por uma pessoa em sua totalidade” (SARTRE, 1952, p. 536). *O Segundo Sexo* começa com críticas à teoria psicanalítica e à explicação marxista da opressão das mulheres e argumenta que a situação da mulher somente pode ser entendida no contexto de uma ética existencialista, que restitui a ela um grau de liberdade impossível no contexto de outras perspectivas teóricas. A diferença primária entre os dois livros é que Beauvoir descreve a história de um grupo social, sua opressão e luta por libertação, enquanto Sartre está preocupado em traçar a história de um único indivíduo. Nesse foco num indivíduo, a obra de Sartre sobre Genet é na verdade um exemplo muito mais apropriado que *O Segundo Sexo* da aplicação, da extensão da perspectiva de *O Ser e o Nada*, e, assim, torna mais destacada a perspectiva não-sartreana de *O Segundo Sexo*.

Este estudo enfatizou algumas das áreas nas quais Beauvoir parece ter influenciado o desenvolvimento da perspectiva teórica de Sartre, em questões concernentes à relação do indivíduo e da liberdade individual com o Outro, bem como no que respeita a situações que

dão forma e limitam as possibilidades de escolha. Nesse sentido, não se pode negar – embora, é claro, meu propósito seja corrigir uma negativa na direção contrária – que a influência de Sartre na obra Beauvoir é enfatizada excessivamente. O resultado é um desafio para que se comece a considerar o trabalho dos dois conjuntamente, já que cada nova obra é num certo sentido uma resposta à obra do outro, pois assim se deu sua escrita. Se era óbvio no passado que a obra de Beauvoir não podia ser entendida adequadamente sem referência aos escritos de Sartre, deveria agora ficar igualmente demonstrado que nenhuma compreensão adequada do desenvolvimento do pensamento de Sartre é possível sem levar em consideração a obra de Beauvoir, que o influenciou profundamente. Os meandros da influência mútua ao longo dos cinquenta anos do relacionamento dos dois apenas começa a ser analisada neste estudo. Restam outras perguntas, além das respondidas, a respeito da intertextualidade de seus escritos. Elas devem ser feitas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AURY, Dominique. Qu'est-ce-que l'existentialisme? Bilan d'une offensive. Interview article with Jean-Paul Sartre. **Les Lettres Françaises**, 24 novembre, 1945.

BEAUVOIR, Simone de. **Ethics of Ambiguity** (*Pour une morale de l'ambiguïté*, 1947). Trans. Bernard Frechtman, Secaucus, N.J. Citadel Press, 1948.

BEAUVOIR, Simone de. **She Came to Stay** (*L'Invitée*, 1943). Trans. L. Drummond. London. Reprint, trans. Yvonne Moyse and Roger Senhouse. New York: World, 1954. Reprint, New York: Norton, 1990

BEAUVOIR, Simone de. **The Mandarins** (*Les Mandarins*, 1954). Trans. Leonard M. Friedman, New York: Random House, 1974.

BEAUVOIR, Simone de. **The Woman Destroyed** (*La femme rompue*, 1968). Trans. Patrick O'Brian, New York: Putnam, 1969.

BEAUVOIR, Simone de. **The Blood of others** (*Le Sang des autres*, 1945). Paris: Gallimard, Trans. Roger Senhouse and Yvonne Moyse. New York: Knopf, 1948.

BEAUVOIR, Simone de. **The Second Sex** (*Le Deuxième Sexe*, 1949). Trans. H.M. Parshley, New York: Knopf, 1952; Reprint, New York: Bantam, 1961 and 1970; Reprint, New York: Random House, 1974. 1960.

BEAUVOIR, Simone de. **Prime of life** (*La Force de l'âge*, 1960) Trans. Peter Green. New York: Pantheon, 1964.

BEAUVOIR, Simone de. **When Things of the Spirit Come First** (*Quand prime l'espirituel*, 1935-37). Trans. Patrick O'Brian. New York: Pantheon, 1982.

EDWARDS, James. **On Saint Genet**. Paper presented at the Sartre Retrospective program of the Radical Caucus and the Society for Women in Philosophy at the December meeting of the American Philosophical Association, 1980.1980.

SARTRE, Jean-Paul. **Anti-Semite and Jew**. (*Réflexions sur la question juive*, 1946). Trans. George J. Besker, New York: Schocken, 1948.

SARTRE, Jean-Paul. **Being and Nothingness**. Trans. Hazel Barne. New York: Washington Square Press, 1966.

SARTRE, Jean-Paul. **No Exit** (*Huis-clos*, 1945). Trans. Stuart Gilbert. New York: Vintage, 1947.

SARTRE, Jean-Paul. **Saint-Genet** (Saint- Genet, 1952). Trans. Bernard Frechtman. New York: George Braziller, 1963.